

ROMANCEIRO DA INCONFIDÊNCIA

Cecília Meireles

1989, by Maria Mathilde Meireles Correia Dias, Maria Fernanda Meireles
Correia Dias e Ricardo Strang.

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil, Portugal e demais
países de língua portuguesa, adquiridos pela
EDITORA NOVA FRONTEIRA S/A.
Rua Bambina, 25 - CEP 2251 - Bota fogo Tel 286 7822[
Endereço telegráfico: NEOFRONT - Telefax 34695 ENFS BR
Rio de Janeiro, RJ

Revisão Tipográfica:
VERA LÚCIA SANTANA DE SOUZA
SUELI CARDOSO DE ARAÚJO

CIP- Brasil Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Meireles, Cecília 1901 - 1964
Romanceiro da Inconfidência / Cecília Meireles - Rio de Janeiro :
Nova Fronteira, 1989

1 . Brasil - História - Conjuração Mineira, 1789 - Poesia. 2. Poesia Brasileira. I.
Título.

ROMANCE V OU DA DESTRUIÇÃO DE OURO PODRE

Dorme, meu menino, dorme,
que o mundo vai se acabar.
Vieram cavalos de fogo:
são do Conde de Assumar.
Pelo Arraial e Ouro Podre,
começa o incêndio a lavrar.

O Conde jurou no Carmo
não fazer mal a ninguém.
(Vede agora pelo morro
que palavra o Conde tem !
Casas, muros, gente aflita
no fogo ralando vêm !)

D. Pedro, de uma varanda,
viu desfazer-se o arraial.
Grande vilania, Conde,
comestes para teu mal.
Mas o que agüenta as coroas
é sempre a espada brutal.

Riqueza grande da terra,
quantos por ti morrerão !
(Vede as sombras dos soldados
entre pólvora e alcatrão !
Valha-nos Santa Ifigênia !
- E isto é ser povo cristão !)

Dorme, meu menino, dorme...
Dorme e não queiras sonhar.
Morreu Felipe dos Santos
e, por castigo exemplar,
Depois de morto na forca,
Mandaram-no esquartejar !

Cavalos a que o prenderam,
estremeciam de dó,
Por arrastarem seu corpo
Ensangüentado, no pó.
Há multidões para os vivos:
porém quem morre vai só.

Dentro do tempo há mais tempo,
e, na roca da ambição,
Vais-se preparando a teia
dos castigos que virão:
Há mais forcas, mais suplícios

para os netos da tradição.

Embaixo e em cima da terra,
o ouro um dia vai secar.
Toda vez que um justo grita,
um carrasco o vem calar.
Quem não presta fica vivo;
quem é bom, mandam matar.

Dorme, meu menino, dorme...
Fogo vai, fumaça vem...
Um vento de cinzas negras
levou tudo para além...
Dizem que o Conde se ria !
Mas, quem ri, chora também.

Quando um dia fores grande,
e passares por ali,
Dirás: " Morro da Queimada,
como foste, nunca vi;
Mas, só de te ver agora,
ponho-me a chorar por ti:

Por tuas casas caídas,
pelos teus negros quintais,
Pelos corações queimados
em labaredas fatais,
- Por essa cobiça de ouro
que ardeu nas minas gerais."

Foi numa noite medonha,
numa noite sem perdão.
Dissera o Conde: "Estais livres."
E deu ordem de prisão.
Isso, Dom Pedro de Almeida,
é o que faz qualquer vilão.

Dorme, meu menino, dorme...
Que fumo subiu pelo ar !
As ruas se misturaram,
tudo perdeu lugar.
Quem vos deu poder tamanho,
Senhor Conde de Assumar ?

*"Jurisdição para tanto
não tinha, Senhor, bem sei..."*
(Vede os pequenos tiranos
que mandam mais do que o Rei !
Onde a fonte do ouro corre,
apodrece a flor da Lei !)

Dorme, meu menino, dorme,

- que Deus te ensine a lição
dos que sofrem neste mundo
violência e perseguição.
Morreu Felipe dos Santos:
Outros, porém, nascerão.

Não há Conde, não há força,
não há coroa real
Mais seguros que estas casas,
que estas pedras do arraial,
deste Arraial do Ouro Podre
que foi de Mestre Pascoal.